

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

POR UMA “LITERATURA-MUNDO” EM FRANCÊS¹

Marc Quagbebeur

Mais tarde, talvez alguém diga que este fora um momento histórico: o prêmio Goncourt, o Grande Prêmio do romance da Academia francesa, o prêmio Renaudot, o prêmio Femina, o prêmio Goncourt dos estudantes atribuídos, no mesmo outono, a escritores exteriores à França. Será mero acaso de uma *rentrée* editorial que concentra excepcionalmente os talentos oriundos da “periferia”, ou mero desvio vagabundo do rio antes de regressar ao seu leito?

Pelo contrário, apostamos numa “revolução copernicana”. “Copernicana” por revelar o que o mundo literário já sabia sem o admitir: o centro, esse tal ponto a partir do qual se supunha que brilhasse uma literatura franco-francesa, deixou de ser o centro. Até agora, o centro, mesmo que cada vez menos, tivera essa capacidade de absorção que forçava os autores oriundos de fora a despojar-se da sua bagagem antes de se fundirem no cadinho da língua e da sua história nacional. O centro, dizem-nos os prêmios de outono, encontra-se doravante por todo o lado, nos quatros cantos do mundo. Donde o nascimento de uma literatura-mundo em francês.

¹ https://www.lemonde.fr/livres/article/2007/03/15/des-ecrivains-plaident-pour-un-roman-en-francais-ouvert-sur-le-monde_883572_3260.html

O mundo está de volta. E essa é a melhor das notícias. Não terá ele sido durante muito tempo o grande ausente da literatura francesa? O mundo, o sujeito, o sentido, a história, o “referente”. Durante décadas, terão sido postos “entre parênteses” pelas mentes mestres, inventoras de uma literatura sem outro objeto que não ela mesma, fazendo, como se costumava dizer, “a sua própria crítica no próprio movimento da sua enunciação”. O romance era um assunto por demais sério para ficar confiado apenas aos romancistas, culpados de um “uso ingênuo da língua”; os quais eram doutamente convidados a reciclar-se na linguística. Já que esses textos, nessa altura, apenas remetiam para um jogo de combinações sem fim, havia de chegar um tempo em que o próprio autor se encontraria de facto, e com ele a própria ideia de criação, evacuado para deixar todo o espaço aos comentadores, aos exegetas. Em vez de se confrontar com o mundo para dele captar o sopro, as energias vitais, o romance já só precisava, em suma, de observar a sua própria escrita.

Que os escritores tenham conseguido sobreviver em semelhante ambiente intelectual só nos pode tornar otimistas quanto às capacidades de resistência do romance contra tudo quanto pretende negá-lo ou sujeitá-lo...

Esse desejo novo de voltar a encontrar o mundo, esse regresso aos poderes de incandescência da literatura, essa urgência sentida de uma “literatura-mundo”, podemos datá-los: são concomitantes do colapso das grandes ideologias sob os ataques, precisamente... do sujeito, do sentido, da História ao voltarem para o palco do mundo. Entenda-se: concomitantes da efervescência dos movimentos antitotalitários, tanto no Oeste como no Leste, que em breve haviam de fazer com que o muro de Berlim se desmoronasse.

Um regresso, há que o reconhecer, por atalhos, sendas de evasão – e isto diz muito do peso que era esse interdito! É como se, uma vez quebradas as correntes, cada um tivesse de aprender novamente a caminhar. Antes de mais com a vontade de sentir o pó da estrada, a emoção do exterior, o olhar cruzado de desconhecidos. As narrativas

desses “surpreendentes viajantes”, surgidos em meados dos anos 1970, ter-se-ão revelado ser as sumptuosas portas de entrada do mundo na ficção. Outros, preocupados em dizer o mundo em que viviam, tal como outrora Raymond Chandler ou Dashiell Hammett disseram a cidade americana, voltavam-se, na esteira de Jean-Patrick Manchette, para o romance *noir*. Outros, ainda, recorriam ao *pastiche* do romance popular, do romance policial, do romance de aventura; modo hábil ou prudente de reencontrarem a narrativa ao mesmo tempo que enganavam o “interdito do romance”. Outros ainda, contadores de histórias, investiam na banda desenhada na companhia de Hugo Pratt, de Moebius e de outros mais.

E os olhares voltavam-se de novo para as literaturas “francófonas”, essencialmente das Caraíbas como se, longe dos modelos franceses esclerosados, se afirmasse por lá, herdeira de Saint-John Perse e de Césaire, uma efervescência romanesca e poética cujo segredo, noutras paragens, parecia ter-se perdido. E tal, apesar dos antolhos de um meio literário que fingia esperar deles apenas algum picante novo, palavras antigas ou crioulas, tão pitorescas, não é verdade? –, que se supunha dar sabor a um caldo que se tornou insosso. 1976-1977: as vias travessas de um regresso à ficção.

Simultaneamente, um vento novo começava a soprar do outro lado da Mancha, o qual impunha a evidência de uma literatura nova de língua inglesa, singularmente de acordo com o mundo nascente. Numa Inglaterra rendida à sua terceira geração de romances woolfianos – já diz muito do ar impalpável que lá circulava –, jovens “provocadores” voltavam-se para o vasto mundo para conseguirem respirar. Bruce Chatwin partia para a Patagónia, e a sua narrativa assumia um tom de manifesto para uma geração de *travel writers* (“*Aplico ao real as técnicas de narração do romance para restituir a dimensão romanesca do real*”).

Depois, afirmavam-se, numa impressionante agitação, quais romances barulhentos, coloridos, mestiçados que diziam com uma força

rara e palavras novas o rumor dessas metrópoles exponenciais onde as culturas de todos os continentes colidem; se fundem, se misturam. No coração desta efervescência estão Kazuo Ishiguro, Ben Okri, Hanif Kureishi, Michael Ondaatje – e Salman Rushdie, que explorava com acuidade o surgimento do que chamava de “homens traduzidos”: os tais que, nascidos na Inglaterra, já não viviam na nostalgia de um qualquer país de origem para sempre perdido, mas sentindo-se entre dois mundos, entre duas cadeiras, e tentavam de uma forma ou de outra fazer desse embate o esboço de um mundo novo.

E era mesmo a primeira vez que uma geração de escritores oriundos da emigração, em vez de adotar a cultura de adoção, se propunha criar uma obra a partir da constatação da sua identidade plural, no território ambíguo e móvel dessa fricção. Assim sendo, sublinhava Carlos Fuentes, eram menos os produtos da descolonização do que os anunciadores do século XXI.

Quantos escritores de língua francesa, apanhados também eles entre duas ou várias culturas, se questionaram então acerca dessa estranha disparidade que os relegava para as margens; eles “francófonos”, variante exótica apenas tolerada, enquanto os filhos do ex-império britânico tomavam posse, com toda a legitimidade, das letras inglesas? Devemos, lá por isso, dar por adquirida uma qualquer degenerescência congénita dos herdeiros do império colonial francês em comparação com os do império britânico? Ou então reconhecer que o problema se deve ao próprio meio literário, à sua estranha arte poética girando qual dervixe sobre si mesmo, e a essa tal visão de uma francofonia, à qual uma França “Mãe das artes, das armas e das leis” continuava a facultar as suas luzes, qual benfeitora universal, preocupada em trazer a civilização aos povos que viviam nas trevas? Os escritores antilhanos, haitianos, africanos que se afirmavam então não tinham nada a enviar aos seus homólogos de língua inglesa. O tal conceito de “crioulização” que os congregava nessa altura, através do qual afirmavam a sua singularidade, era preciso mesmo ser surdo

e cego, não procurar no outro senão um eco de si mesmo, para não entender que apontava já para nada menos do que uma autonomização da língua.

Sejamos claros: a emergência de uma literatura-mundo em língua francesa conscientemente afirmada, aberta ao mundo, transnacional, representa a certidão de óbito da francofonia. Ninguém fala francófono ou escreve em francófono. A francofonia não passa de luz de uma estrela morta. Como poderia o mundo sentir-se afetado pela língua de um país virtual? Ora acontece que o mundo irrompeu nos banquetes dos prémios de outono, pelo que percebemos que os tempos estão favoráveis a essa revolução.

Ela podia ter ocorrido mais cedo. Como foi possível ignorar durante décadas um Nicolas Bouvier e seu *Usage du monde* tão bem nomeado? Porque nessa altura o acesso ao mundo estava proibido. Como não foi possível reconhecer em Réjean Ducharme um dos maiores autores contemporâneos, nomeadamente *L'Hiver de force*, já em 1970, levado por um extraordinário sopro poético, que aprofundava tudo quanto pôde ter sido escrito desde então sobre a sociedade de consumo e as tolices libertárias? Porque se olhava a “Belle Province” de cima porque apenas se esperava dela o sotaque gostoso, as palavras preservadas com um sabor de velha França.

E poderíamos enumerar os escritores africanos ou antilhanos, mantidos de igualmente modo nas margens. Nem admira! Quando o conceito de criouliização fica reduzido ao seu contrário, confundido com um *slogan* da United Colors of Benetton? Nem admira! Quando se insiste em pressupor um nexos carnal exclusivo entre a nação e a língua que dela exprimisse o génio singular – já que, em bom rigor, a ideia de “francofonia” se afigura como o último avatar do colonialismo? O que os prémios de outono registam é a constatação inversa: que o pacto colonial se encontra rompido, que a língua liberta se torna propriedade de todos e que, se assim quisermos mesmo, acabarão de vez os tempos do desprezo e da arrogância. Fim da “francofonia”

e nascimento de uma literatura-mundo em francês: é o que está em causa, assim queiram os escritores agarrá-lo.

Literatura-mundo, pois são hoje obviamente múltiplas e diversas as literaturas de língua francesa por esse mundo fora, formando um vasto conjunto cujas ramificações abraçam vários continentes. Mas literatura-mundo, igualmente, “mundo” porque, por toda a parte, essas literaturas nos dizem o mundo que emerge diante de nós, e deste modo, se reencontram após décadas de “interditos da ficção”; o que desde sempre foi o feito dos artistas, dos romancistas, dos criadores: a tarefa de dar voz e rosto ao que é desconhecido do mundo – e ao desconhecido em nós. Por fim, se vamos detetando por todo o lado essa efervescência criadora, é porque algo na própria França voltou a mexer em que a jovem geração, liberta da era da suspeita, agarra sem complexo os ingredientes da ficção para inaugurar novas vias romanescas.

De maneira que nos parece ter chegado o tempo de um renascimento, de um diálogo num vasto conjunto polifónico, sem preocupação por um qualquer combate ou contra a preeminência desta ou daquela língua, ou de um qualquer “imperialismo cultural”. O centro relegado para o meio de outros centros: é à formação de uma constelação que assistimos, em que a língua liberta do seu pacto exclusivo com a nação, doravante livre de qualquer poder que não os da poesia e do imaginário, não terá outras fronteiras que as do espírito.

Lista dos signatários: Muriel Barbery, Tahar Ben Jelloun, Alain Borer, Roland Brival, Maryse Condé, Didier Daeninckx, Ananda Devi, Alain Dugrand, Edouard Glissant, Jacques Godbout, Nancy Huston, Koffi Kwahulé, Dany Laferrière, Gilles Lapouge, Jean-Marie Laclavetine, Michel Layaz, Michel Le Bris, JMG Le Clézio, Yvon Le Men, Amin Maalouf, Alain Mabanckou, Anna Moï, Wajdi Mouawad, Nimrod, Wilfried N’Sondé, Esther Orner, Erik Orsenna, Benoît Peeters, Patrick Rambaud, Gisèle Pineau, Jean-Claude Pirotte, Grégoire Polet, Patrick Raynal, Jean-Luc V. Raharimanana, Jean Rouaud, Boualem Sansal, Dai Sitje, Brina Svit, Lyonel Trouillot, Anne Vallaeys, Jean Vautrin, André Velter, Gary Victor, Abdourahman A. Waberi.

**TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE
JOSÉ DOMINGUES DE ALMEIDA**

Universidade do Porto